

HISTÓRIA DA ARTE



1



SISTEMA
DE ENSINO



HISTÓRIA DA ARTE

Volume 1 - 1ª Edição

Goiânia
AP360° EDUCACIONAL
2015

SUMÁRIO

UM BREVE HISTÓRICO DA ARTE	07
UMA BREVE HISTÓRIA DA BELEZA	08
A BELEZA ESTÁ NAS PROPORÇÕES	09
ARTE EGÍPCIA	11
ARQUITETURA	12
ESCULTURA	14
PINTURA.....	15



UM BREVE HISTÓRICO DA ARTE

Desde que se iniciou um estudo sobre a história da arte, por volta do séc. V, inúmeros são os conceitos já elaborados sobre o que seja ARTE, ainda assim, chegamos aos dias de hoje sem uma conclusão que evidencie a participação da arte em nossas vidas e efetivamente a defina.

Na antiguidade classificavam-se as artes em duas grandes categorias: as servis ou mecânicas e as liberais. Nas artes servis encontraremos indistintamente todas aquelas que necessitem do uso das mãos e nas artes liberais nos depararemos com a gramática, a dialética, a retórica, a geometria, a aritmética, a astronomia e a música, atividades estas, que necessitam do uso da mente.

Havia naquela época o conceito de que as atividades que exigissem a participação do raciocínio, ou seja, fossem guiadas pela razão, deviam estar subordinadas à atividade do intelecto, considerado como a intuição intelectual, que diria respeito aos princípios transcendentais, vindo tudo, na verdade, a dar no mesmo, visto que neste período a humanidade já se achava em grande parte dominada pelo uso excessivo do raciocínio em detrimento da verdadeira intuição que a liga à sua origem espiritual.

Ao final da Idade Antiga, alegando-se que antes da operação manual sempre precede a operação mental, procurou-se libertar as artes servis do caráter inferior à qual era subjugada, pois os trabalhos manuais ocupavam então uma posição inferior ao trabalho intelectual, ainda que este trabalho resultasse em obras de arte.

O célebre Leonardo da Vinci, que viria a criar a primeira Academia de Arte, em Milão (por volta de 1507), também desenvolvia o seu pensamento com semelhante convicção, acentuando o caráter intelectual da atividade artística, de onde a sua declaração:

- "L'arte é cosa mentale!"

No entanto, da mesma maneira que hoje percebemos não ser este um conceito suficientemente claro para definir o que seja ARTE, já naquela época, vários estudiosos também não se contentaram apenas com o uso do termo artes liberais para pintores, escultores e arquitetos. Discutia-se que: se a propriedade da liberalità, ou seja, das artes liberais, era libertar a carne do espírito, a arte deveria ser obrigatoriamente nobre. Naturalmente aqueles que assim se expressaram pensavam nas qualidades do ser humano, consideradas como nobres, no entanto, uma confusão de conceitos foi instalada: por nobreza entendeu-se uma classificação sócio econômica, chegando-se ao absurdo de propor a proibição do exercício da pintura por plebeus! Diga-se de passagem, uma atitude que nada tinha de nobre!

- Águas passadas.

Quando observamos um objeto de arte, nosso interesse estético se agita e notamos que arte não é apenas uma coleção de coisas de museu, e a obra de arte não é apenas um objeto histórico e cultural que se pode explicar pelas condições em que foi criada, como o propõe a crítica de arte. As emoções que vivenciamos ao observar obras artísticas, independentemente do período ou forma como foram criadas, leva-nos a questionar o motivo que provoca tal reação. Esta reação natural e abrangente ocorre mesmo sem a participação manipuladora da crítica de arte, pois a arte possui autonomia suficiente para, enquanto linguagem, ter os seus códigos decifrados pelo público ao qual se destina.

Deixando os conceitos ditados pelo raciocínio de lado, observamos que a arte, em qualquer uma de suas manifestações, é uma expressão humana transformada em símbolos. Ela aparece nos primórdios das civilizações, assim como surge nas primeiras manifestações do homem como indivíduo, como podemos perceber facilmente nas crianças, que, em nossa volta, desenham, pintam, dançam e cantam, sem parar, com total desenvoltura quando livres de pressões externas ao seu comportamento natural.

Assim como não depende da época, a necessidade de manifestação artística também não depende da geografia, ou seja, a encontramos nos países dos mais variados climas, em todas as raças, independentemente do progresso técnico, entre pobres ou ricos, cultos ou não.

Onde então procurar a verdadeira natureza da emoção estética?

Na obra *Na Luz da Verdade*, do escritor alemão Abdruschin, encontramos o seguinte:

“Até agora, da ação viva do espírito, do sentimento intuitivo, só nasceu a arte. Somente ela teve uma origem e um desenvolvimento natural, isto é, normal e sadio. Mas o espírito não se manifesta no raciocínio, e sim nos sentimentos intuitivos, mostrando-se somente naquilo que de um modo geral se denomina “coração”. Exatamente do que os atuais seres humanos de raciocínio, desmedidamente orgulhosos de si mesmos, escarnecem e ridicularizam prazerosamente. Zombam assim do que há de mais valioso no ser humano, sim, exatamente daquilo que faz do ser humano um ser humano!” (Volume I – Dissertação: “Era uma vez...”)

Nascendo da “ação viva do espírito” deve então, em sua essência, existir em todas as pessoas, desde que esta não seja dominada unicamente pelo raciocínio terreno. É preciso aqui não confundir a essência da criação artística, absoluta e permanente, com a forma pela qual se manifesta, relativa e transitória.

“Onde quer, porém, que o raciocínio alcance supremacia, a arte é logo degradada a ofício, descendo imediatamente e de modo incontestável a níveis baixíssimos. Trata-se duma consequência, que, devido à sua simples naturalidade, nem pode ser diferente. Nenhuma única exceção pode aí ser provada.” (Volume I – Dissertação: “Era uma vez...”)

Podemos então concluir que a ARTE é uma manifestação do espírito humano e como tal permanece latente em cada um de nós. Caberá a cada um desenvolver a sua linguagem no sentido de exprimir os seus anseios mais profundos que, de acordo com a nobreza de alma do artista em questão, irá elevar tudo a que se refere através do enobrecimento ou, caso o artista tenha se limitado à análise material dos fatos através de um raciocínio torcido, irá mostrar claramente o desperdício da imensa dádiva de poder “criar”, e o que deveria ser um objeto de arte será apenas um objeto de consumo.

UMA BREVE HISTÓRIA DA BELEZA

À medida que evoluem as técnicas de cirurgia plástica e outros tipos de intervenção facial, mais as mulheres se vêem enfeitadas pela possibilidade de ter um rosto mais bonito. Muitas chegam ao consultório do médico pedindo pelo nariz, boca ou olhos de uma celebridade da moda. Outras querem alterar várias partes do rosto, reparando o que julgam ter sido uma injustiça da natureza. Diante da popularidade que a cirurgia plástica desfruta nos dias de hoje, a questão que se coloca é até que ponto se pode conseguir a perfeição através do bisturi. Será possível modelar uma face até que ela arranque suspiros de admiração e inveja como a da atriz Angelina Jolie e a da modelo Isabeli Fontana? Dez cirurgiões plásticos de renome ouvidos por VEJA para esta reportagem são unânimes em afirmar que a resposta mais honesta é “raramente”. Isso não decorre da falta de perícia, mas de uma verdade revelada pela experiência de consultório: a beleza não é o resultado da soma de partes do rosto bem modeladas, mas da harmonia entre elas.

Há, aqui, um ensinamento no qual os médicos insistem nas conversas com os pacientes, mas que muita gente prefere ignorar: o rosto mais bonito do mundo não precisa ser perfeito. O exemplo é Angelina Jolie, com frequência colocada no topo da lista das mulheres mais lindas do mundo. Um perfeccionista poderá dizer que sua boca é exagerada pelos padrões clássicos de beleza. É verdade. Mas isso em nada afeta o aspecto deslumbrante de sua face. É difícil reproduzir a perfeição mesmo com o uso das técnicas mais modernas. Até quando uma cirurgia plástica é bem-sucedida ao reparar um nariz adunco ou um queixo pequeno demais, nada garante que a área retocada estará em equilíbrio com a totalidade do rosto. “Quando há apenas uma característica marcante na face, como um nariz grande, mas todo o resto é harmonioso, essa característica pode agir de forma positiva, ressaltando a naturalidade do rosto”, diz o cirurgião plástico americano Kouros Azar, que tem entre seus clientes estrelas de Hollywood.

A experiência de consultório com as cirurgias estéticas que nem sempre resultam em rostos mais formosos pode agora, pela primeira vez, ser submetida a uma prova científica. A investigação é feita por um software recentemente desenvolvido pela equipe do engenheiro israelense Tommer Leyvand, na Universidade Tel-Aviv. O programa, chamado de máquina de embelezamento, usa padrões de beleza consagrados para transformar os traços de rostos submetidos a ele através de fotografias. O computador analisa 234 detalhes em cinco regiões faciais – olhos, nariz, sobrancelhas, lábios e contorno do rosto. A seguir, vasculha seu banco de dados de rostos bonitos e muda as feições que julga inadequadas à face analisada. Ao contrário dos programas comumente usados para melhorar a aparência de modelos em revistas, esse novo não elimina rugas nem muda

a cor dos cabelos. A pedido de VEJA, Leyvand submeteu a seu software fotos de uma dezena de personalidades brasileiras e estrangeiras. Em última análise, o programa simula os efeitos das cirurgias plásticas, e deixa evidente que nem sempre é uma boa ideia lançar mão delas para adaptar o rosto aos padrões de beleza.

A BELEZA ESTÁ NAS PROPORÇÕES

Embora os padrões de beleza mudem, algumas características da estampa feminina permanecem infalíveis em atrair os homens. A principal delas são os quadris mais largos do que a linha da cintura – na proporção ideal de 10 por 7. A explicação é darwiniana: quadris largos sinalizam boa saúde e fertilidade.

Nas fotos: uma Vênus do Paleolítico, a Vênus de Milo e a musa renascentista de Ticiano



Transformada pela máquina de embelezamento, a modelo Gisele Bündchen teve, entre outras mudanças, os olhos alongados e os lábios reduzidos. Continuou linda, mas seu rosto perdeu boa parte da personalidade que possui. Já o rosto da atriz Claudia Raia se beneficiou das mudanças feitas pelo software e ganhou contornos mais delicados e femininos. Aplicar fórmulas ideais de beleza nem sempre funciona. O cantor Michael Jackson parece ter escolhido cuidadosamente cada uma das reformas faciais a que se submeteu. Vista separadamente, cada parte de seu rosto corresponde a padrões de beleza consagrados – o conjunto, no entanto, resulta monstruoso. O principal ensinamento que emerge da máquina de embelezamento é que uma modificação sutil pode fazer enorme diferença. Isso não é uma advertência contra a cirurgia estética, mas um apelo à moderação. Muitas vezes, a primeira coisa que uma pessoa tem a perder quando se submete a uma transformação radical é a própria personalidade. “Tudo no rosto pode ser aperfeiçoado, porém com moderação e mantendo as características principais no rosto de cada pessoa”, diz o cirurgião plástico paulista Alan Landecker.

As pesquisas de Tommer Leyvand com sua máquina embelezadora foram publicadas há dois meses nos cadernos da Siggraph, conferência sobre computação gráfica realizada anualmente em Los Angeles. Seu objetivo não foi discutir a face mais bonita – a original ou a modificada –, mas, sim, descobrir se é possível alterar rostos com a utilização de padrões consagrados de beleza sem torná-los irreconhecíveis. Como ocorreu com outras tentativas de usar princípios objetivos ou mesmo fórmulas matemáticas para definir a beleza, o pesquisador acabou por mexer em algo além de sua pretensão original – as complexas questões relacionadas à percepção do belo e do que torna uma face atraente ou não. O que é exatamente beleza? Quando se trata de cirurgia estética, os médicos sabem bastante bem que muitas vezes o paciente está atrás de um formato idealizado que apenas reflete o visual do momento e pouco tem a ver com os fatores que melhor determinam a harmonia de cada rosto. “A padronização pode diluir os pontos fortes de uma mulher. Cada pessoa tem os seus. O segredo da beleza está em valorizar esses pontos”, diz o cirurgião plástico carioca Luiz Victor Carneiro, da Clínica Ivo Pitanguy. Nos últimos dez anos, as pesquisas que buscam explicar a beleza pela ótica da ciência se tornaram um campo próspero nas hostes acadêmicas. Muitos desses estudos chegam a conclusões semelhantes a respeito das características de um rosto harmônico e, portanto, bonito.

O principal elemento que o caracteriza é a simetria, o grau de semelhança entre os dois lados do rosto. Em teoria, quanto mais semelhantes forem as duas metades da face, mais perfeita e bela ela tenderá a ser. A simetria ideal, segundo as pesquisas

mais respeitadas, também se traduz na distância idêntica entre a ponta do queixo e a base do nariz, entre esta e a linha das sobrancelhas e entre as sobrancelhas e o início da linha dos cabelos. Um rosto com essas medidas é inteiramente proporcional e tende a ser bonito mesmo se um nariz grande demais, por exemplo, sobressai no conjunto. Esses conceitos estão por trás das belezas clássicas, nas quais todos os traços estão em perfeita proporção. As belíssimas Grace Kelly e Elizabeth Taylor encaixam-se nessa categoria. No rosto feminino, a beleza clássica normalmente se baseia em traços bem delicados, aqueles que costumam diferenciá-lo da face masculina.

Essas fórmulas não conseguem explicar as belezas mais exóticas. Alguns dos rostos famosos considerados mais bonitos chamam atenção justamente pela desproporção dos elementos. O exemplo mais óbvio e que vale a pena mencionar novamente é o da atriz Angelina Jolie, bela por causa de sua boca excessivamente volumosa. A atriz Brigitte Bardot, ícone do cinema nos anos 50 e 60, ficou desfigurada depois de submetida ao programa de computador de Leyvand. A marca de seu rosto sempre foram os lábios carnudos e protuberantes – sem eles, seu rosto ficou banal. “Pessoas com o rosto mais comum, sem elementos que chamem atenção, podem ter sua beleza realçada pela maquiagem. Mas pessoas com características marcantes atraem os olhares mesmo com a cara lavada”, opina o cirurgião plástico americano Scott Miller.

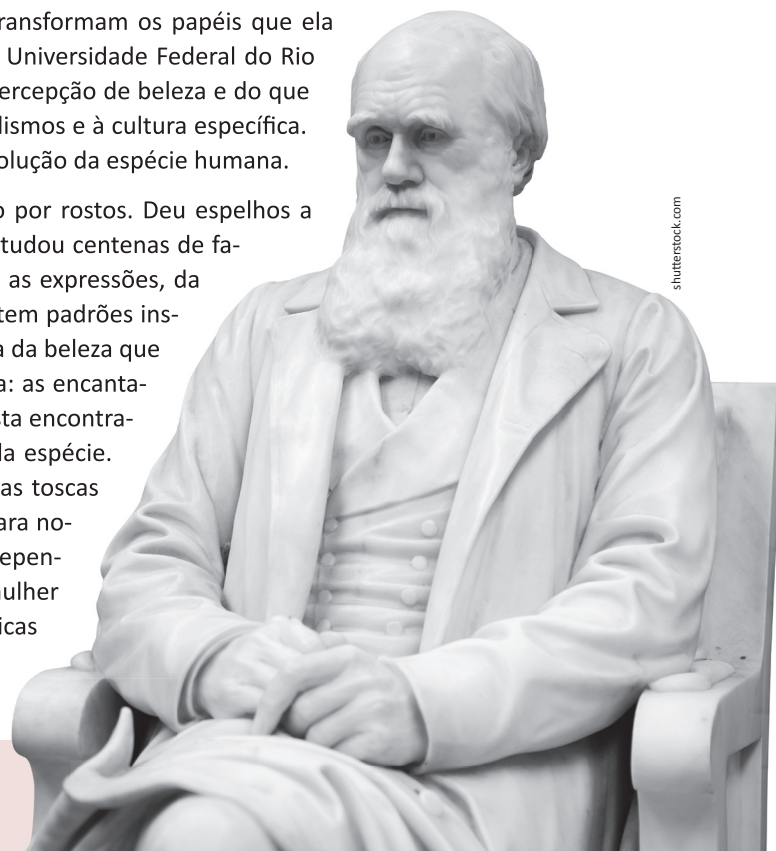
Ao longo dos séculos, a ciência e a filosofia sempre procuraram definir a beleza e qual seria sua manifestação mais elevada. Para Santo Agostinho, ela era um atributo divino, assim como a bondade e a verdade. Antes dele, filósofos gregos compararam a beleza a qualidades como a ordem, a simetria e a clareza. Mais recentemente, os estudos científicos que visam a explicá-la mostraram de que forma ela se manifesta. Ainda assim, pesquisas como a do programa de Leyvand muitas vezes são repudiadas por psicólogos e sociólogos. Eles alegam que os parâmetros de beleza que emergem das pesquisas são inevitavelmente influenciados pelos padrões culturais vigentes. Será que as definições científicas apenas refletem o ideal do momento, construído com imagens da cultura pop e dos ícones de Hollywood? Os padrões clássicos de beleza, que remetem à Antiguidade e às leis que regem as proporções, não mudam. Os traços finos e delicados da rainha egípcia Nefertiti, que viveu há 3 400 anos, até hoje são considerados símbolo de formosura. Paralelamente aos modelos perenes pelos quais se julga o belo, surgem padrões passageiros, ditados pelas circunstâncias históricas e culturais. O século XX foi pródigo nesses padrões de beleza fugazes.

Nos anos 20, os movimentos de emancipação feminina criaram uma alternativa às estampas robustas e com seios fartos das mulheres do século XIX. O cinema influenciou esses ideais. Ficaram em voga os cabelos loiros ondulados e as sobrancelhas finíssimas, desenhadas a lápis. Nos anos 50, a mulher bonita tinha corpo de violão e bochechas coradas. “O padrão de beleza da mulher muda conforme se transformam os papéis que ela ocupa na sociedade”, diz a antropóloga Mirian Goldenberg, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por outro lado, estudos científicos mostram que a percepção de beleza e do que é um rosto atrativo é universal naquilo que transcende aos modismos e à cultura específica. A razão da existência de um padrão universal está na própria evolução da espécie humana.

Charles Darwin, o pai da teoria da evolução, era fascinado por rostos. Deu espelhos a orangotangos num zoológico para observar suas expressões. Estudou centenas de faces humanas de todas as partes do mundo. Ele acreditava que as expressões, da mesma forma que muitos outros comportamentos atuais, refletem padrões instintivos fixados pela evolução em nosso rosto e cérebro. A teoria da beleza que se pode extrair dessas raízes profundas é bem pouco romântica: as encantadoras linhas harmônicas do corpo humano são mais uma resposta encontrada pela evolução para problemas específicos da perpetuação da espécie. Basta examinar a representação artística da beleza feminina, das toscas deusas da fertilidade pré-históricas às estrelas de Hollywood, para notar que alguns atributos são sistematicamente valorizados, independentemente do tempo e da cultura. Em todas as épocas, a mulher ideal é retratada com quadris largos e seios fartos, características que evidenciam sua capacidade de gerar filhos saudáveis e de alimentá-los.

A MÃO INVISÍVEL DA EVOLUÇÃO

Charles Darwin percebeu que a beleza é um instrumento na preservação da espécie



A explicação é darwiniana. As espécies atuais são descendentes daquelas que, ao longo da evolução, se mostraram mais aptas para sobreviver – e isso inclui a adoção de estratégias para atrair o sexo oposto. Impulsos instintivos, fixados em nosso código genético durante o pleistoceno, período geológico em que os grupos de homínidos iniciaram sua jornada de sucesso evolutivo, ainda nos levam a valorizar os indicativos de boa saúde física e genética, qualidades necessárias para garantir o sucesso reprodutivo e perpetuar os genes da espécie. Um dos primeiros cientistas a estudar o sentido biológico da beleza feminina foi Devendra Singh, professor de psicologia evolutiva da Universidade do Texas. No começo da década de 90, ele mostrou que o acúmulo de gordura na medida certa nos quadris da mulher sinaliza que ela tem bons níveis de estrógeno, hormônio ligado à fertilidade, e é menos suscetível a doenças.

Outras pesquisas estabeleceram as medidas ideais do corpo da mulher: a circunferência da cintura deve ser 70% da dos quadris, padrão que serve tanto para as mulheres magras como para as mais curvilíneas. Singh realizou pesquisas para medir o grau de atração desse atributo entre os homens e concluiu que a preferência é praticamente universal. A mulher, intuitivamente, sempre soube dessa preferência masculina. “No século XVIII, as mulheres da corte europeia usavam um corpete para estreitar a cintura e evidenciar os seios e os quadris”, diz a historiadora paulista Maria Claudia Bonadio. A evolução equipou o cérebro masculino com uma espécie de radar capaz de captar sinais de sucesso reprodutivo também nas feições femininas. Estudos revelaram que traços delicados, apreciados numa mulher, como a mandíbula pequena e os lábios carnudos, são percebidos como indicativos de fertilidade e de juventude.

Uma forma clássica de definir a beleza é a harmonia de proporções. O conceito foi criado na Grécia antiga e tem como base um cálculo desenvolvido pelos gregos chamado de razão áurea. Essa fórmula representa a proporção mais harmônica entre duas partes em relação ao todo. Para os gregos, essa relação de proporção deveria existir em cada medida do corpo humano para que ele fosse considerado perfeito. Leonardo da Vinci usou a razão áurea em seus estudos anatômicos, inclusive no mais célebre deles, o Homem Vitruviano. A ciência concorda que a lógica das medidas tem correspondência na natureza. O americano Randy Thornhill, da Universidade do Novo México, estudou a assimetria em animais e concluiu que ela significa menor resistência a doenças e a problemas causados pela poluição ou pela falta de alimentos. Em seres humanos, Thornhill mostrou que a assimetria facial pode estar associada a problemas genéticos. Não por acaso, Darwin era obcecado por rostos. “Por trás do que o homem entende por belo há uma lógica evolutiva”, disse a VEJA o inglês Martin Tovee, da Universidade de Newcastle, da Inglaterra. “É como se estivéssemos biologicamente programados para captar sinais de saúde e de fertilidade.” Embora o homem não seja escravo de seus instintos, o prazer que sente ao observar uma mulher com atributos privilegiados é uma prova de que a beleza não é apenas uma questão de gosto.

Médicos entrevistados:

- José Tariqi, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SP)
- Carlos Fernando Gomes de Almeida, cirurgião plástico (RJ)
- Farid Hakme, cirurgião plástico (RJ)
- Luiz Victor Carneiro, cirurgião da Clínica Ivo Pitanguy (RJ)
- Rodrigo Mangaravite, cirurgião da Clínica Volney Pitombo (RJ)
- Alan Landecker, cirurgião plástico (SP)
- Flávia Lira Diniz, cirurgiã plástica (SP)
- Carlos Casagrande, cirurgião plástico (SC)
- Isabella de Forneiro, dermatologista (RJ)
- Kouros Azar, cirurgião plástico (Califórnia)
- Scott Miller, cirurgião plástico (Califórnia)
- Onelio García Junior, cirurgião plástico (Flórida)
- Roger El Khoury, cirurgião plástico (Líbano)

ARTE EGÍPCIA

Uma das principais civilizações da Antiguidade foi a que se desenvolveu no Egito. Era uma civilização já bastante complexa em sua organização social e riquíssima em suas realizações culturais. A religião invadiu toda a vida egípcia, interpretando o universo, justificando sua organização social e política, determinando o papel de cada classe social e, consequentemente, orientando toda a produção artística desse povo. Além de crer em deuses que poderiam interferir na história humana, os egípcios acreditavam também numa vida após a morte e achavam que essa vida era mais importante do que a que viviam no presente. O fundamento ideológico da arte egípcia é a glorificação dos deuses e do rei (faraó) defunto divinizado, para o qual se erguiam templos funerários e túmulos grandiosos.

ARQUITETURA

As pirâmides do deserto de Gizé são as obras arquitetônicas mais famosas e, foram construídas por importantes reis do Antigo Império: Quéops, Quéfren e Miquerinos. Junto a essas três pirâmides está a esfinge mais conhecida do Egito, que representa o faraó Quéfren, mas a ação erosiva do vento e das areias do deserto deram-lhe, ao longo dos séculos, um aspecto enigmático e misterioso.

As características gerais da arquitetura egípcia são:

- solidez e durabilidade;
- sentimento de eternidade; e
- aspecto misterioso e impenetrável.

As pirâmides tinham base quadrangular eram feitas com pedras que pesavam cerca de vinte toneladas e mediam dez metros de largura, além de serem admiravelmente lapidadas. A porta da frente da pirâmide voltava-se para a estrela polar, a fim de que seu influxo se concentrasse sobre a múmia. O interior era um verdadeiro labirinto que ia dar na câmara funerária, local onde estava a múmia do faraó e seus pertences.

Os templos mais significativos são: Carnac e Luxor, ambos dedicados ao deus Amon.

Os monumentos mais expressivos da arte egípcia são os túmulos e os templos. Divididos em três categorias:

- Pirâmide – túmulo real, destinado ao faraó;
- Mastaba – túmulo para a nobreza; e
- Hipogeu – túmulo destinado à gente do povo.

Os tipos de colunas dos templos egípcios são divididas conforme seu capitel:

- Palmiforme – flores de palmeira;
- Papiriforme – flores de papiro; e
- Lotiforme – flor de lótus.

Para seu conhecimento

Esfinge: representa corpo de leão (força) e cabeça humana (sabedoria). Eram colocadas na alameda de entrada do templo para afastar os maus espíritos.

Obelisco: eram colocados à frente dos templos para materializar a luz solar.



Templo de Karnak



Pirâmide de Djoser



Pirâmides de Queóps, Quéfren e Miquerinos

shutterstock.com

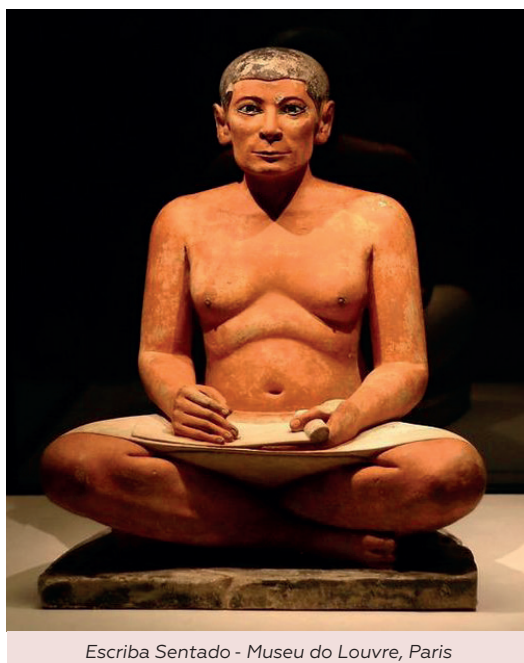
shutterstock.com

ESCULTURA*Templo de Ramsés II em Abu Simbel*

Os escultores egípcios representavam os faraós e os deuses em posição serena, quase sempre de frente, sem demonstrar nenhuma emoção. Pretendiam com isso traduzir, na pedra, uma ilusão de imortalidade. Com esse objetivo ainda, exageravam frequentemente as proporções do corpo humano, dando às figuras representadas uma impressão de força e de majestade.

Os Usciabtis eram figuras funerárias em miniatura, geralmente esmaltadas de azul e verde, destinadas a substituir o faraó morto nos trabalhos mais ingratos no além, muitas vezes coberto de inscrições.

Os baixos-relevos egípcios, que eram quase sempre pintados, foram também expressão da qualidade superior atingida pelos artistas em seu trabalho. Recobriam colunas e paredes, dando um encanto todo especial às construções. Os próprios hieróglifos eram transcritos, muitas vezes, em baixo-relevo.

*Templo de Karnak**Escriba Sentado - Museu do Louvre, Paris*

PINTURA



Interior de um templo egípcio antigo

A decoração colorida era um poderoso elemento de complementação das atitudes religiosas.

Suas características gerais são:

- ausência de três dimensões;
- ignorância da profundidade;
- colorido a tinta lisa, sem claro-escuro e sem indicação do relevo; e
- Lei da Frontalidade que determinava que o tronco da pessoa fosse representado sempre de frente, enquanto sua cabeça, suas pernas e seus pés eram vistos de perfil.

Quanto a hierarquia na pintura: eram representadas maiores as pessoas com maior importância no reino, ou seja, nesta ordem de grandeza: o rei, a mulher do rei, o sacerdote, os soldados e o povo. As figuras femininas eram pintadas em ocre, enquanto que as masculinas pintadas de vermelho.

Os egípcios escreviam usando desenhos, não utilizavam letras como nós. Desenvolveram três formas de escrita:

- Hieróglifos – considerados a escrita sagrada;
- Hierática – uma escrita mais simples, utilizada pela nobreza e pelos sacerdotes; e
- Demótica – a escrita popular.

Livro dos Mortos, ou seja um rolo de papiro com rituais funerários que era posto no sarcófago do faraó morto, era ilustrado com cenas muito vivas, que acompanham o texto com singular eficácia. Formado de tramas de fibras do tronco de papiro, as quais eram batidas e prensadas transformando-se em folhas.



Inscrições em um templo de Karnak

PARA SEU CONHECIMENTO

Hieróglifos: foi decifrada por Champolion, que descobriu o seu significado em 1822, ela se deu na Pedra de Rosetta que foi encontrada na cidade do mesmo nome no Delta do Nilo.

Mumificação: a) eram retirados o cérebro, os intestinos e outros órgãos vitais, e colocados num vaso de pedra chamado Canopo. b) nas cavidades do corpo eram colocadas resinas aromáticas e perfumes. c) as incisões eram costuradas e o corpo mergulhado num tanque com Nitrato de Potássio. d) Após 70 dias o corpo era lavado e enrolado numa bandagem de algodão, embebida em betume, que servia como impermeabilização.

Queóps é a maior das três pirâmides, tinha originalmente 146 metros de altura, um prédio de 48 andares. Nove metros já se foram, graças principalmente à ação corrosiva da poluição vinda do Cairo. Para erguê-la, foram precisos cerca de 2 milhões de blocos de pedras e o trabalho de cem mil homens, durante vinte anos.

A360°